

REINVENTANDO UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA PANDEMIA DA COVID-19: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA

LUIZA MAINARDI RIBAS¹; BEATRIZ FLORIAM FOLTRAN²; ISABELA SANTIAGO ROSA PIZANI³; BRUNO BEZERRA SILVA⁴; FELIPE BARBOSA BUTZE⁵; DINARTE ALEXANDRE PRIETTO BALLESTER⁶

¹Universidade Católica de Pelotas – luahribas@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatriz.f.foltran@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isapizani1@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – brunobezerra7399@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – felipebutze@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – ballester.dinarte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Saúde Mental na Escola: uma ação entre professores e alunos do Ensino Fundamental” da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) vinha sendo desenvolvido presencialmente desde seu início, com encontros no campus do curso de Medicina da UFPe, e atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Círculo Operário Pelotense, mas, pelo cenário de isolamento social devido ao coronavírus, foi reformulado para se manter ativo.

O projeto esteve paralisado por vários meses, pelo fechamento da nossa Faculdade e o da Escola Círculo Operário. Até que por iniciativa de um dos colegas o grupo resolveu reiniciar os encontros, desta vez de modo virtual, através da plataforma GoogleMeet. As reuniões passaram a ocorrer semanalmente durante a pandemia, fomentando discussões acerca das futuras atividades com as crianças da escola, planejando práticas e estudando meios de atingir a promoção da saúde mental no ambiente escolar.

No ano anterior havíamos começado um curso de atualização em saúde mental para as professoras da Escola, suscitando bastante interesse e participação, e estávamos em vias de recomençar as atividades quando a pandemia impôs a interrupção. Após a nossa retomada, entramos em contato com a coordenação pedagógica da escola, a fim de verificar a viabilidade de retomar as atividades com as professoras e com os alunos de forma remota, fazendo uso da internet. No entanto, a Escola estava concentrando seus esforços na adaptação à nova realidade, com dificuldades para comunicar-se com todos os alunos, e por isso os encontros permaneceram apenas entre os acadêmicos e o professor orientador.

Anteriormente, desde o início do projeto em 2019, os encontros presenciais no departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFPe eram baseados em discussões sobre os materiais estudados pelos alunos previamente, e no planejamento das atividades na escola municipal. No caso dos encontros remotos em 2020, as conversas tomaram um aspecto mais amplo e dialogado, talvez devido aos encontros mais regulares em comparação ao cenário anterior, e também pela busca de novas referências para o nosso trabalho.

Tendo em vista o objetivo do projeto: a promoção da saúde mental no ambiente escolar, seja identificando sinais de transtornos precocemente, incitando bons relacionamentos interpessoais, provocando a comunicação sadia sobre sentimentos e emoções ou outras várias ações educativas possíveis de serem estimuladas, o grupo do projeto buscou inspirações na literatura brasileira e

mundial. Uma referência importante, além de um parceiro do projeto, vem do Canadá, onde o Prof. Stan Kutcher e colaboradores vem desenvolvendo ações de educação em saúde mental em várias regiões desse país e do mundo (WEI & KUTCHER, 2012).

A pandemia, que inicialmente paralisou o trabalho em andamento, terminou por oferecer tempo para reflexão. Em busca de algumas referências para embasar as atividades do projeto, encontrou-se inspiração na experiência italiana do “Ateliê” (GANDINI, 2019), nas crianças produtores de textos (CALKINS, HARTMAN & WHITE, 2008) e em Paulo Freire, especialmente na sua Pedagogia da autonomia (FREIRE, 2002). É preciso dizer que estas leituras possibilitaram uma viagem a um universo diferente da literatura biomédica à qual os acadêmicos estão acostumados na formação médica.

2. METODOLOGIA

Além de nos aventurarmos por novos campos do conhecimento, a nossa metodologia para o trabalho de campo, ancorada na observação participante e na pesquisa-ação, tem sido uma nova descoberta. Os encontros de reflexão sobre os referenciais pedagógicos foram realizados sob a forma de seminários, com leitura e discussão dos textos, buscando as possíveis aplicações no contexto da Escola Círculo Operário Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se a pandemia interrompeu a nossa trajetória, também nos tem dado a oportunidade de criar novas alternativas. Uma inversão benéfica foi a iniciativa do grupo de estudantes do projeto na retomada das atividades, que no início partiram do professor orientador. Deste modo, passamos a vivenciar no próprio grupo o que encontrávamos nas nossas leituras: autonomia, participação, interatividade, construção compartilhada do conhecimento.

Ainda que contemos com a experiência das professoras que convivem com as crianças e adolescentes da Escola Círculo Operário Pelotense, para nos orientarem na condução das atividades, podermos experimentar esse jeito de aprender faz com que não nos sintamos de mãos vazias para o encontro com os alunos.

No entanto, enquanto ensaiamos essas palavras, o futuro ainda é incerto; não sabemos nem quando poderemos voltar à Escola! E o que esperar do retorno, voltaremos ao “normal”?

Para Boaventura Santos (2020), a pandemia não se contrapõe a uma situação anterior de ‘normalidade’. A pandemia vem agravar uma situação de crise permanente pela qual a sociedade tem estado sujeita há mais tempo, sobretudo em decorrência dos efeitos do aprofundamento da economia neoliberal e do capitalismo financeiro nos últimos 40 anos. Assim, com a pandemia, emerge uma nova preocupação, e a forma como vamos interpretá-la e avaliá-la será primordial para o futuro da humanidade. Para ele, a pandemia do novo coronavírus vem a acentuar e tornar visíveis uma série de problemas sociais estruturais causados pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, dentre eles a divisão de classes, a devastação ambiental, a exclusão social, a discriminação e a extrema pobreza.



O pensador espanhol Vicenç Navarro (2020) aponta no mesmo sentido, denunciando a desigualdade e a deterioração da democracia, com a redução do bem estar e da qualidade de vida das populações, inclusive em países europeus e nos Estados Unidos. Ele vincula a pandemia à crise climática, afirmando que esta podia ter sido prevista e também pode ser controlada, mas não vê desejo político de países e organismos internacionais, controlados por forças econômicas. Para ele, o futuro que nos espera oscila entre a barbárie e o bem comum.

De acordo com Byung-Chul Han (2020), hoje vivemos uma biopolítica digital, acompanhada por uma psicopolítica digital, que controla ativamente as pessoas e empodera os detentores de dados. Na visão do filósofo coreano, o vírus não trará a mudança, ele apenas nos isola e individualiza, sem gerar nenhum sentimento coletivo mais intenso. Portanto, somos nós, pessoas dotadas de razão, que devemos repensar radicalmente esse sistema destrutivo, para salvarmos a nós mesmos e ao planeta.

Segundo a Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena, “em tempos de pandemia, a luta e a solidariedade coletiva que reacendeu no mundo só será completa com os povos indígenas, pois a cura estará não apenas no princípio ativo, mas no ativar de nossos princípios humanos” (APIB, 2020).

4. CONCLUSÕES

Para concluir, uma ideia de Ailton Krenak (2020), pensador e escritor: nesta pandemia, a Terra teve de parar, para ele, esta é uma oportunidade para reprogramar o futuro da Humanidade. Essa gigantesca tarefa vai muito além dos limites do nosso modesto, talvez pretensioso projeto. No momento, o que nos importa é ter saído da imobilidade, do medo paralisante, e prosseguir criando possibilidades para que as crianças e os adolescentes, que vivem conosco em meio a essa névoa que assola o planeta, possam viver com saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIB. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil**. Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena. Disponível em: <https://apib.info/2020/05/10/carta-final-da-assembleia-de-resistencia-indigena/>, acessado em 16 de agosto de 2020.

BYUNG-CHUL, Han. **La emergencia viral y el mundo de mañana**. Ediciones El País. 22 março 2020.

CALKINS, L.; HARTMAN, A.; WHITE, Z. **Crianças produtoras de texto**: A arte de interagir em sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2008. 240 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 p. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

GANDINI, L.; et al. **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. 2. ed. Brasil: Penso, 2019. p. 1-224.

KRENAK, Ailton. **O mundo está chapado de tanto consumo**. Carta Capital. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-o-mundo-esta-chapado-de-tanto-consumo/>, acessado em 26/08/2020.



NAVARRO, Vicenç. **Lo que se está ocultando en el debate sobre la pandemia.** Disponível em: <https://blogs.publico.es/vicenc-navarro/2020/03/24/lo-que-se-esta-ocultando-en-el-debate-sobre-la-pandemia/>. Acesso em: 9 set. 2020.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus.** 1. ed. Portugal: Boitempo Editorial, 2020. p. 1-50.

WEI, Yifeng; KUTCHER, Stan. **International School Mental Health:** Global Approaches, Global Challenges, and Global Opportunities. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am, Canada*, v. 21, n. 1, p. 11-27, jan./2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1056499311000940?via%3Dihub>. Acesso em: 9 set. 2020.